



## MÃE PREPARADA É A MÃE ESPORTIVA

*Maria Simone Vione Schwengber*

O trabalho é parte de uma pesquisa em que, apoiadas nos campos dos Estudos de Gênero e dos Estudos Culturais que se aproximam de Michel Foucault, problematizamos alguns dos modos pelos quais diferentes discursos, da medicina à educação física, investem sobre o corpo feminino para educá-lo como corpo grávido. Para isso, examinei exemplares da revista Pais e Filhos, do período de 1968 a 2004, utilizando as estratégias metodológicas da análise de discurso. Das análises que resultaram, focalizo aqui, um movimento que permite visualizar a emergência de uma lógica, segundo a qual a educação dos corpos grávidos por meio das práticas corporais se intensifica construindo diferentes posições de sujeito: a de mãe preparada (que cuida e se cuida); a mãe esportiva, responsável pelo filho perfeito. Argumento que esse processo educativo pode ser compreendido como uma dimensão importante de um processo contemporâneo mais amplo que temos definido como “politização do feminino e da maternidade” (MEYER, 2004). Realizei as análises valendo-me das contribuições de Michel Foucault no que tange ao conceito de discurso, tencionando, suas condições de produção e as posições de sujeito neles descritas. Instrumentalizada por esse “modo de ver”, mapie os enunciados nos discursos da Pais & Filhos, observando as suas regularidades, insistências e repetições. Folheando as publicações da Pais & Filhos ao longo dos seus 37 anos, pode-se dizer que há uma transformação em relação às práticas direcionadas às grávidas, percorrendo-se múltiplos caminhos, apresentando-se contradições, tensões entre uma orientação e outra. Uma primeira impressão depois da seleção e das inúmeras leituras que empreendi do material foi a de polissemia e/ou significação múltipla que o discurso das práticas corporais apresenta ao longo do projeto editorial da revista. Identifiquei didaticamente a presença desse discurso na Pais & Filhos a partir de três grandes movimentos. Começo perguntando-me: o que e como as pedagogias corporais ditas de resistência ensinaram (ensinam) às gestantes? Destaco neste texto um movimento que delimito no período de 1980 a 1990, identificado a partir de várias leituras do material selecionado. Em as gestantes aparecem, na Pais & Filhos, mais ligadas ao mundo fitness, por meio de caminhadas e corridas, ligadas a máquinas, em trabalho muscular, peso e halteres – práticas que se propagam instigando o gosto pelos exercícios. O resultado desse novo interesse foi o de imprimir mais potência muscular e aperfeiçoamento aos corpos grávidos. Assim observa-se uma maior de cientificização dos exercícios, um aprimorando mais técnico dos movimentos, inclusive, para as grávidas. Com isso, ver gestantes, em lágrimas e/ou entrarem em pânico, dominadas pelo medo da dor, deixou de ser encarado como normal. Tais demonstrações em público, sala de parto, maternidade, invariavelmente são tidas como vexatórias, provocantes de constrangimento, tanto em quem as presencia quanto em quem as produz. Não podemos esquecer que a revista é endereçada à classe média, que valoriza tanto a forma física quanto a forma moral (mãe com atitude) como elementos importantes de identificação. Para Badinter (2003), o investimento das últimas três décadas do século XX foi um pouco no sentido de converter mulher num ser forte e resistente. Acontece um certo coroamento da



“supermulher”: uma mulher ativa e participativa que se prepara para quase todas as situações, inclusive, para o parto. Um exemplo da posição “-mãe-forte”, destacado pela revista, é o da projeção de imagens de mulheres em trabalho de parto normal, em geral com seus corpos exageradamente fortes, firmes, resistentes. Com frequência, o rosto delas é retratado com uma fisionomia semelhante à de um “animal” feroz: boca, mãos e punhos cerrados, expressando força. A mãe é descrita e idealizada pela revista como a nobre selvagem que dá à luz o seu filho, sem causar nenhum reboiço na floresta; amamenta muito rápido e volta ao trabalho. Ser forte é uma qualidade positivada pela revista. Parece que, a partir da década de 80, a Pais & Filhos não nega e sim, apela para o desenvolvimento da força física, enfatizando-a não apenas no sentido restrito da força como capacidade, mas também em vários sentidos, em termos de ser forte afetividade, de “segurar as pontas”, enfim, de saber lidar com os contrapontos da vida. A revista associa a representação da mãe forte/controlada à representação da mãe esportiva. Silvana Goellner (2004, p. 187) destaca que, como espaço pedagógico, há muito o esporte tem sido campo privilegiado do exercício simbólico da virilidade e representado como sendo um espaço masculino. Agressividade, competitividade, potência, vigor, velocidade e determinação são atributos associados ao masculino, em oposição à fragilidade, delicadeza, beleza física e flexibilidade, tidas como características femininas. Entendo que, esses estímulos da Pais & Filhos para que as mulheres, mais, especificamente as gestantes, adquiram força e vigor, como um “atravessamento de fronteira”, especialmente se considerarmos os padrões culturais na definição daquilo que é esperado para cada gênero. Carmen Soares (2005) destaca, que as imagens esportivas seduzem, porque elas introduzem na cultura, de um lado, uma referência ao rendimento extremo, à competitividade máxima e à ultrapassagem de limites das próprias forças, e de outro, associa-se à idéia de um trabalho de aprendizagem do espírito de equipe, cooperação, negociação e mesmo de superação individual.

#### REFERENCIA:

BADINTER, Elisabeth. Hombres/Mujeres. Como salir del camino equivocado. Buenos Aires AR: Fondo de Cultura Económica, 2003.